

1. INTRODUÇÃO

O objeto de trabalho dos historiadores e da História são os documentos, mas, nas sociedades contemporâneas, pra quem a palavra tem um peso muito significativo, os mapas têm sido vistos como meras ilustrações aos textos. Porém, um documento não é unicamente um documento escrito, é também um documento iconográfico, uma imagem. Portanto, os planisférios dos descobrimentos marítimos ibéricos em Ásia, África e América através dos oceanos Atlântico e Índico tem uma linguagem própria e não precisam de legendas textuais para ser lidos. Para descobrir os seus plurais - porque um mapa-múndi é um universo polissêmico - sentidos e significados, é preciso aprender a ler os seus signos e símbolos,

“Fragmentos que merecem observação demorada, pois os detalhes mais valiosos desses monumentos culturais escapam ao observador apressado. A recompensa depende da curiosidade e da intensidade com que o visitante se entrega ao encantamento que os mapas oferecem”¹.

Mesmo assim, algumas pesquisas vêem a evolução da cartografia como uma vitória gradual do método científico sobre a ignorância, e desvalorizam os mapas antigos como meros objetos de decoração para colecionadores e antiquários. Todavia, desde o último quarto de século, com o desenvolvimento dos estudos interdisciplinares, geógrafos, historiadores, historiadores da arte, antropólogos, sociólogos e literatos tem valorizado os planisférios dos descobrimentos marítimos ibéricos em Ásia, África e América através dos oceanos Índico e Atlântico nos séculos XV e XVI como documentos que “refletem as ambições e ideais de outras eras, as percepções de exploradores, comerciantes e missionários e os fatos provenientes de terras anteriormente desconhecidas”². Logo, “a combinação entre a informação precisa da Era do

¹ Paulo MICELI. *Ao Observador, o Norte e o Oriente*. IN: Paulo MICELI (org.). *O Tesouro dos Mapas. A cartografia na formação do Brasil*. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2002. p. 55.

² Jonathan POTTER. *Collecting Antique Maps. An introduction to the history of cartography*. London: Studio Edition, 1992. p. 49.

Descobrimento com a exuberância decorativa é homenageada com justiça como a ‘Era Dourada da Cartografia’”³.

Os mapas dos descobrimentos marítimos ibéricos em África, Ásia e América através dos oceanos Atlântico e Índico eram exemplares únicos e manuscritos. Consequentemente, muitos não sobreviveram ao tempo: foram desgastados pelo uso ou pelas intempéries, foram escondidos para nunca mais serem encontrados pela política de sigilo, foram perdidos, e foram destruídos e queimados no terremoto e no incêndio na Casa da Guiné, Mina e Índia, de Lisboa, em 1755. Uma história de um cartógrafo dos séculos XV e XVI são *Os Diários de Fra Mauro*, um monge que viveu enclausurado em um mosteiro de Veneza para realizar o projeto da sua vida: um mapa definitivo do mundo. Infelizmente, o *Orbis Terrae Compendiosa Descriptio* – o mapa mais completo e mais incompreensível do mundo – desapareceu, mas não a idéia de que é possível ver com os *interiores oculi*. “Esses homens eram observadores do mundo imaginário”⁴.

Os planisférios que se conservaram eram as denominadas “cartas para príncipes, feitas sobre modelo das cartas hidrográficas, mas mais ricas e decoradas, e não se destinavam realmente a efeitos de marinharia”⁵. Mesmo assim, muitos desses mapas-múndi estão danificados e o seu manuseio é frágil.

“Com pouquíssimas cópias mantidas em livros sagrados ou em obras de cunho histórico geográfico, da lavra de monges copistas, esse notável acervo acha-se hoje desfalcado de muitas preciosidades cartográficas que orgulharam seus possuidores de outrora”⁶.

Por isso, os mapas são verdadeiras relíquias e *thesauros* a serem desenterrados.

“Mapas do tesouro, em posse de velhos marinheiros, disputados por piratas que se arriscavam pelos mares, à busca arcas repletas de jóias e moedas, matando e arriscando-se a morrer pelas

³ Philip CURTIS. *O Novo Mundo*. IN: Paulo MICELI (org.). *Op. Cit.* 2002. p. 27.

⁴ James COWAN. *O sonho do cartógrafo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 25.

⁵ Alfredo Pinheiro MARQUES. *Origem e desenvolvimento da cartografia portuguesa na época do descobrimentos*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, s.d. p. 85.

⁶ Isa ADONIAS; Bruno FURRER. *Mapa: Imagens da Formação Territorial Brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993. p. 35.

chances de um enriquecimento que a rígida moral do gênero reservara apenas ao desfrute dos mais íntegros”⁷.

Um planisfério não representa a realidade, mas um modelo de realidade. Em primeiro lugar, porque é impossível representar integralmente um objeto esférico e tridimensional como a Terra em um objeto retangular e bidimensional como um mapa-múndi. Para tanto, a cartografia tem que redimensionar o espaço real. Em segundo lugar, porque toda localização cartográfica é uma convenção, já que, geograficamente, a Terra é redonda. É impossível ver e cartografar o mundo como ele geograficamente é, porque a localização não é exterior, é interior. A verdadeira localização no mundo e DO Mundo está no olhar do observador.

“O mundo que procuramos, inclui muitas coisas de cuja existência a maioria das pessoas duvida. Isso acontece porque elas esperam que essas coisas estejam de acordo com o que já sabem. Assim, os homens sábios contemplam o mundo sabendo muito bem que estão contemplando eles mesmos”⁸.

Mais do que a visão, a cartografia revela uma versão, que parte não de um ponto de observação onde o cartógrafo está localizado – na África, na Ásia, na América, no Oceano Atlântico ou no Oceano Índico –, mas de um ponto de vista, europeu. “A visão do Novo Mundo cresceu e desenvolveu-se a partir do ponto de vista das pessoas que a moldaram”.⁹ Segundo Pierre Nora, “fala-se tanto de memória porque ela não existe mais”¹⁰, o que existe é a memória alcançada pela história: os “lugares de memória”. Portanto, os mapas-múndi dos descobrimentos marítimos ibéricos em África, Ásia e América através dos oceanos Atlântico e Índico nos séculos XV e XVI são “lugares de memória”, rastros, vestígios, sinais desse olhar dos navegadores, descobridores e cartógrafos. Mais do que “lugares de memória”, são lugares de História. “Ali estão vestígios de humanidade e memória, já que os mapas, além de representarem espaços, são eles próprios lugares da História”¹¹.

Esta pesquisa foi desenvolvida desde a monografia de graduação em História pela PUC/Rio, também orientada pelo professor Antonio Edmilson

⁷ Paulo MICELI. *O Tesouro dos Mapas*. IN: Paulo MICELI (org.). *Op. Cit.* 2002. p. 53.

⁸ James COWAN. *Op. Cit.* p. 148.

⁹ Philip CURTIS. *Op. Cit.* p. 29.

¹⁰ Pierre NORA. *Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux*. IN: Pierre NORA. *Les lieux de mémoire*, vol. 1. Paris: Galimard, 1984. p. 7.

¹¹ Paulo MICELI. *Mapa: Arte e Técnica*. IN: Paulo MICELI (org.). *Op. Cit.* 2002. p. 103.

Martins Rodrigues. O material cartográfico - cujos originais se encontram na Biblioteca Nacional de Lisboa, em Portugal, na Biblioteca Nacional de França, em Paris, e na Biblioteca Britânica, em Londres, na Inglaterra - e bibliográfico foi recolhido e lido na Biblioteca da PUC, na Biblioteca Nacional, no Real Gabinete Português de Leitura; e na Biblioteca Nacional de Lisboa e no Arquivo da Torre do Tombo, em Portugal, orientado pela pesquisadora Maria Joaquina Feijão, pelas professoras Maria Leonor Garcia e Maria Adelina Amorim, do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e pelo professor João Carlos Garcia, do Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Esta dissertação é dividida em cinco capítulos. O primeiro capítulo intitulado *A cartografia e a sua evolução*, cujos subtítulos são *A cartografia na Antiguidade*, *A idéia de cartografia na Idade Média* e *As cartas-portulanos e as novidades sobre o espaço*, trata da “(re)abertura” do Mundo a partir da “(re)descoberta” da *Geographia* de Cláudio Ptolomeu e dos mapas ptolomaicos pelo Renascimento, da visão, mais do que DO Mundo, DE Mundo dos *Orbis Terrarum* ou mapas “T/O” e dos *Imagos Mundis* medievais, e das *cartas-portulanos* utilizadas em conjunto com a bússola para a navegação com a “terra à vista” no Mar “fechado” Mediterrâneo, que não vão mais poder ser utilizadas para a navegação no “mar aberto”, o Oceano Atlântico, devido às suas variações magnéticas, e à descoberta de um “novo céu”, o que vai exigir o uso de outros instrumentos de navegação, como o astrolábio.

O segundo capítulo intitulado *O espaço marítimo: a descoberta do “Mar Oceano”*, cujos subtítulos são *O medo e os monstros do mar* e *As hagiografias medievais*, trata da interpretação da água e da representação do Oceano Atlântico na Antiguidade, e desde o *Gênesis* até o *Apocalipse* na Bíblia, na Idade Média, das histórias trágico-marítimas ou dos relatos de naufrágio na “carreira das Índias”, e de fenômenos naturais, como o fogo-de-santelmo, que eram entendidos como sobrenaturais, ou como manifestações de Leviatã ou do Diabo, e das hagiografias ou histórias de vida dos santos padroeiros das cidades de Portugal, Espanha, Inglaterra, Escócia e Irlanda ou protetores dos navegadores portugueses, espanhóis, ingleses, escoceses e irlandeses, como São Brandão, São Cristóvão, São Francisco Xavier, e São Jorge.

O terceiro capítulo intitulado *O imaginário antigo e medieval*, cujos subtítulos são *A “(re)descoberta” do Oriente*, *O maravilhoso e o monstruoso* e *A literatura de viagens*, trata da “(re)descoberta” do Oriente pelo Renascimento ibérico, ao contrário da “(re)descoberta” da Antiguidade greco-romana pelo Renascimento italiano, das *mirabilias* pagãs e o *miraculum* cristão, e dos monstros (*monstra*) advindos dos *physiologus* antigos, do Antigo e do Novo Testamento Bíblia, e dos bestiários medievais, e da diferença entre as viagens de retorno antigas da *Iliada* e da *Odisséia*, de Homero, as viagens de peregrinação medievais a lugares míticos como o “Paraíso Terrestre” e o Reino de Preste João, e as suas “(des)localizações”, e as viagens por “mares nunca dantes navegados” modernas, e da literatura de viagens, como *O Livro de Marco Polo*, *As Viagens de Mandeville*.

O quarto capítulo intitulado *A descoberta da alteridade*, cujos subtítulos são *A peculiaridade ibérica*, *A Ordem de Cristo e a “escola” de Sagres*, *As “escolas” cartográficas portuguesas*, *a União Ibérica e a “escola” francesa de Dieppe*, *A política de sigilo*, *As descoberta e o impulso da cartografia*, *O “(des)cobrimento” ou o “(en)cobrimento” do negro africano e do índio americano* e *“A questão do outro”*, trata do “primeiro Renascimento” ou da “primeira modernidade ibérica”, do papel fundamental do Infante D. Henrique, “o Navegador” na fundação da “escola” de Sagres, que atraiu para Portugal mestres da cartografia da “escola” portulano catalã-maiorquina, que deu origem às “escolas” cartográficas portuguesas, da expansão marítima através dos oceanos Atlântico e Índico nos séculos XV e XVI, da política de sigilo da coroa portuguesa, da tolerância entre cristãos, judeus e muçulmanos na Península Ibérica, da “(Re)conquista”, e da Conquista, do “(pre)conceito” na representação cartográfica do negro africano e do índio americano, e da descoberta do “Velho Mundo” através da descoberta do “Novo Mundo”, da América, que passa a se denominar Europa, e a ser representada no Centro do Mundo, no lugar de Jerusalém na cartografia medieval, na cartografia moderna.

O quinto capítulo intitulado *Signos, símbolos e significados*, trata da análise de 16 mapas.